

Editorial

Um ano e meio atrás, discutimos no editorial desta revista (v. 11, n. 21) o então mais recente fiasco das negociações climáticas empreendidas no âmbito da ONU. Diante da estrutural incapacidade de formular um conjunto suficiente de esforços – e mesmo de tornar vinculantes os insuficientes compromissos declarados pelos países – concluímos que, à medida que as condições ecológicas de suporte à vida desmoronam, torna-se mais evidente o quanto a aposta na concertação internacional em prol de objetivos comuns é condenada a fracassar. Se levarmos em conta outras dimensões daquilo que vem sendo denominado *policrise*, podemos acrescentar ao desmoronamento das condições ecológicas, desmoronamentos diversos das condições sociais, econômicas, políticas de suporte à ordem vigente. Diante disso, é cada vez mais cristalina a tendência de que o momento presente e o futuro previsível são campo fértil para a multiplicação de conflitos.

Na ocasião daquele editorial, em dezembro de 2023, tanto a guerra na Ucrânia quanto o genocídio em Gaza já eram as ilustrações mais óbvias de tal tendência. O aprofundamento e aceleração do massacre do povo palestino *exige* um retorno ao tema neste espaço.

A ofensiva israelense contou desde o início com um bloqueio total a Gaza, impedindo a entrada de comida, água, medicamentos, eletricidade e combustível. Em fevereiro de 2024, a FAO já alertava para uma fome em massa iminente e o uso da fome como arma de guerra por Israel já era denunciado no Conselho de Segurança da ONU.¹ Apenas três meses depois, a mesma ONU denunciava (apoiada em relatório independente) um cenário de fome catastrófica, com morte de crianças por inanição e falta de cuidados médicos.²

O bloqueio de ajuda humanitária, cruelmente manejado ao longo do período, com breves aberturas parciais e com fuzilamentos arbitrários de pessoas desesperadas em busca da ajuda, foi acirrado a partir do início de 2025. Esforços humanitários para fazer chegar alguma assistência ao território sitiado são atacados com níveis diversos de violência da máquina de guerra sionista. O bombardeio da Flotilha da Liberdade por *drones* israelenses (em maio) e o posterior sequestro de toda a sua tripulação em águas internacionais (em junho) demonstram que Israel não tolerará sequer a entrada de ajuda simbólica em Gaza.³

¹ Cf.: <https://press.un.org/en/2024/sc15604.doc.htm>

² Cf.: <https://news.un.org/pt/story/2024/07/1834246>

³ Cf.: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/barco-com-ativistas-esta-48-horas-de-gaza-com-ajuda-humanitaria>

Evacuações forçadas e intensos bombardeios, inclusive de escolas e hospitais, com dezenas de milhares de palestinos mortos, também são marcas dos primeiros momentos que se propagaram e se aprofundaram por todo o período.⁴ Em setembro de 2024, o Instituto das Nações Unidas para Formação e Pesquisa (UNITAR) denunciava que 66% das edificações em Gaza haviam sido danificadas pelos bombardeios. Desse total, 32% se encontravam em estado de destruição completa.⁵ Peritos da ONU apontam um volume tão monumental de artefatos balísticos não detonados que o tempo estimado para a eliminação desse material é contado em décadas.⁶

Fala-se de prazo de reconstrução, como se estivéssemos diante de um mero desvio temporário de uma imaginada normalidade. A verdade, porém, é que, além da obliteração da infraestrutura construída, também a própria capacidade de existir e sobreviver no território vem sendo aniquilada. A mesma matéria em que o UNITAR denuncia a extensão dos danos às edificações traz dados da FAO que informam uma degradação expressiva de aproximadamente 68% da área cultivável na Faixa de Gaza. Poucos meses depois, em maio de 2025, a situação mostrava-se consideravelmente mais grave. Segundo dados da FAO, mais de 80% das terras agrícolas foram danificadas pela ofensiva israelense e apenas 4,6% dos solos potencialmente aráveis continuam acessíveis.⁷

Em meio a resoluções e apelos recorrentemente ignorados por cessar-fogo e pelo fim do cerco israelense, ficam dramaticamente evidentes tanto a impotência completa e definitiva da ONU quanto a disposição do Estado sionista para o extermínio.

Ademais, tal disposição dá sinais de ter evoluído para uma espécie de *end-game* que lançou Israel a ataques contra Líbano, Síria e Irã. Pelo lado israelense, alega-se “autoproteção preventiva”. Por uma perspectiva crítica, a expansão do teatro de guerra para uma escala e abrangência que o país é sabidamente incapaz de sustentar (tanto mais, vencer) aparenta, à primeira vista, pura insanidade.

Com os ataques mais recentes (junho/2025) ao Irã, a hipótese da insanidade foi buscar no início da carreira política de Netanyahu uma antiga obsessão com a necessidade de responder a um supostamente iminente risco nuclear representado pela nação persa. A escalada do conflito, agudizada pela primeira participação direta dos EUA, também fez circular hipóteses de uma conduta calculada para atrair a nação norte-americana para o conflito. No momento em que escrevemos, Rússia e China ainda conservam cautelosa distância de um envolvimento direto, mas o espectro de uma terceira guerra mundial vem ganhando contornos mais nítidos. Nesse sentido, a aprovação de uma meta estratosférica de aumento dos gastos militares dos países-membros

⁴ Cf.: https://www.aljazeera.com/news/2025/1/15/the-human-toll-of-israels-war-on-gaza-by-the-numbers?utm_source=chatgpt.com

⁵ Cf.: https://unitar.org/about/news-stories/press/66percent-total-structures-gaza-strip-have-sustained-damage-unosats-analysis-reveals?utm_source=chatgpt.com

⁶ Cf.: <https://news.un.org/pt/story/2024/05/1831121>

⁷ Cf.: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-05/guerra-deixou-utilizaveis-menos-de-5-das-terras-agricolas-em-gaza>

da OTAN (para 5% do PIB) é um sintoma perturbador que se acrescenta a anúncios anteriores de aumentos (agora tornados) mais tímidos.⁸

Sem excluir a pertinência de nenhum desses entendimentos, sugerimos a possibilidade de destacar uma determinação potencialmente nova. Além do expansionismo colonial, dos apetites/interesses imperialistas, das motivações históricas e religiosas, além de um balão de ensaio em larga escala para a dessensibilização da violência e do extermínio, é possível que já estejamos diante de uma *explosão precoce e local de um futuro global iminente*.

De fato, admitir que está em curso um processo de desmoronamento geral das condições ecológicas materiais, econômicas, sociais, políticas que sustentam a vida tal como a conhecemos exige concluir que indivíduos, classes, nações etc. serão cada vez mais levados a situações de *tudo ou nada*. Para aqueles que sempre encontraram dentro da normalidade razões suficientes para a guerra, uma avaliação sóbria do mundo em colapso pode facilmente levar a uma antecipação consciente e estratégica de seus embates decisivos. Para aqueles que se distraem com as esperanças depositadas na diplomacia e nas grandes convenções, talvez tenha chegado a hora de, enfim, despertar.

Mencionamos, nas primeiras linhas acima, o editorial do volume 11, número 21. Naquela mesma edição da revista, publicamos o artigo de Bruno Hubermann e Sabrina Fernandes intitulado “Descolonizar futuros palestinos: o papel da comunidade internacional para a resolução justa da Questão Palestina/Israel”. Até hoje, nossa revista conta com este único trabalho sobre o tema. O Comitê Editorial encoraja autoras e autores a ampliar nosso acervo crítico a respeito desta que é uma das questões mais candentes de nosso tempo.

A edição que entregamos aos leitores, o volume 23 do número 13, inicia com um trabalho de Xabier Arrizabalo Montoro, intitulado “Un siglo después: vigencia del Imperialismo como fase superior del capitalismo”. Neste artigo, Arrizabalo Montoro revisita o clássico de Lênin, *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, para indagar sobre sua capacidade de contribuir para a compreensão da dramática conjuntura do capitalismo deste início do século XXI. Uma detida análise do texto de Lênin e da realidade atual permite ao autor fundamentar a conclusão de que “El imperialismo como fase del capitalismo sigue vigente con todas sus implicaciones”.

Em seguida, publicamos o artigo “Trotsky e o papel dos indivíduos na História: a tese do Lenin insubstituível”, de Carlos Prado. Colocando as principais lideranças da Revolução Russa sob os holofotes, Prado propõe-se a discutir o papel dos indivíduos na história. O artigo investiga a pertinência da tese, defendida por Trotsky, de que, possivelmente, a Revolução Russa não teria avançado até a etapa socialista não fosse

⁸ Cf.: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/23/otan-anuncia-expansao-gastos-em-defesa-investimentos-defesa-aerea-tanques-de-guerra.ghtml>

a hábil intervenção de Lênin. Contra a interpretação de Deutscher, para quem Trotsky havia superestimado o papel do indivíduo no processo revolucionário, Prado defende uma interpretação que valoriza a subjetividade sem, no entanto, incorrer num individualismo voluntarista.

O terceiro artigo da edição é escrito por Maria Laura Paiva: “Veículos da exploração no século XXI: o trabalho mediado por plataformas digitais à luz das categorias de Marx”. O texto consiste em uma consideração crítica de interpretações correntes sobre o chamado trabalho plataformizado. Em sua análise, a autora recorre simultaneamente a uma análise imanente das categorias marxianas e a uma investigação do objeto para rechaçar algumas interpretações que perdem de vista a essência do fenômeno (a relação de produção, capital-trabalho), valorizando a aparente relação mercantil (venda de serviços por meio de plataformas digitais).

Em “Do ‘verão quente sindical’ ao inverno trumpiano: uma análise da dinâmica política e organizativa atual do movimento sindical estadunidense”, Jana Karen Silverman interpreta a recente onda de sindicalização e agitação do movimento sindical estadunidense em perspectiva histórica. A autora mobiliza uma instrutiva literatura para caracterizar a especificidade do sindicalismo que se ergue no recente recrudescimento do movimento da classe trabalhadora, por meio de um contraste com tradições que, no passado, dominaram o movimento sindical nos EUA.

No penúltimo artigo desta edição, intitulado “Neoliberalismo e neofascismo no tempo presente: notas sobre a tal crise da democracia contemporânea”, Felipe Demier faz uso de seu conceito de democracia blindada para examinar os contornos da crise atual da democracia. Demier argumenta que a conjuntura de crise prolongada da acumulação e catástrofe socioambiental solapou a hegemonia burguesa, tornando insuficiente mesmo a forma de controle social em que consiste a democracia blindada. A emergência do neofascismo surge nesse cenário como alternativa para restaurar a hegemonia burguesa, justamente por conta de seu caráter autoritário e beligerante.

A seção de *Artigos* desta edição se encerra com o trabalho “René Guénon, Olavo de Carvalho e a formação de uma elite intelectual metapolítica”, de Alvaro Bianchi. O trabalho consiste fundamentalmente em um cotejamento crítico entre dois expoentes da direita radical que exerceram, por meios diversos, influência sobre o pensamento e a prática da direita em seu tempo e lugar: “o metafísico francês René Guénon e o escritor brasileiro Olavo de Carvalho”. Bianchi examina obras diversas de ambos os pensadores para reconhecer entre elas a diferença na unidade, tanto em termos de formulação do argumento quanto de estratégia de agitação.

Na seção *Luta e memória* publicamos a entrevista do marxista franco-brasileiro Michel Löwy conduzida por Pedro Gava. O registro, que recebeu o título “A obra de Daniel Bensaïd é um tesouro: entrevista com Michael Löwy”, tem como eixo a relação entre Löwy e Bensaïd, mas também reconstitui elementos importantes da biografia do entrevistado e de sua relação com outras figuras de destaque do marxismo francês, sobretudo Polantzas.